

Desafios da educação contemporânea: como transpor os limites dos muros da escola?

Camila Ribeiro Menotti
Rogério José Schuck
Morgana Domênica Hattge
Suzana Feldens Schwertner

245

Resumo: Um dos desafios da educação contemporânea é conseguir transpor os limites dos muros da escola e fazer com que o processo de ensino e aprendizagem ocorra em diferentes contextos. Partindo dessa constatação, o objetivo da experiência vivenciada foi compreender como é possível ensinar e aprender fora das quatro paredes da sala de aula, resgatando o ideal defendido pelos gregos antigos, onde a escola era considerada um ambiente em que se permitia desfrutar de um tempo livre para o estudo e a aprendizagem. Para isso, foi desenvolvida uma atividade de integração, envolvendo professores e alunos do terceiro ano do Ensino Médio, numa caminhada pelo interior da cidade de Venâncio Aires/RS. A experiência corroborou a ideia inicial, pois os envolvidos, ao falarem da atividade, enfatizaram que aprenderam sobre diferentes assuntos que envolviam a sua vida cotidiana e tiveram a oportunidade de ensinar o que sabiam aos demais, assim como tiveram a liberdade de se expressar, abordando temas que até então não são discutidos em sala de aula. A experiência ressalta que o aprender e o ensinar podem ocorrer de forma prazerosa e significativa em diversos momentos e lugares.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Escola. Espaço formal. Espaço informal.

Challenges of contemporary education: how can we transfer the limits of school walls?

Abstract: One of the challenges of contemporary education is to be able to cross the boundaries of the school walls and make the teaching and learning process occur in different contexts. Based on this finding, the objective of the experience was to show how it is possible to teach and learn outside the four walls of the classroom, rescuing the ideal defended by the ancient Greeks, where the school was considered an environment in which to enjoy free time. for study and learning. For this, an integration activity was developed, involving teachers and students from the last year of high school on a walk throughout the countryside of the city Venâncio Aires / RS. The experience corroborated the initial idea, as those involved were talking about the activity emphasized that they learned about different subjects that involved their daily life and had the opportunity to teach what they knew to others, as well as having the freedom to express themselves by addressing topics that until then were not discussed in the classroom. The experience points out that learning and teaching can occur in a pleasurable and meaningful way at various times and places.

Keywords: Teaching. Learning. School. Formal space. Informal space.



Introdução

O presente relato busca refletir sobre os desafios da educação na contemporaneidade, principalmente quando se trata de ensinar e aprender em contextos que vão além dos muros da escola. Para compor essa reflexão, será utilizada a narrativa de uma cena de ensino vivenciada em uma prática docente, assim como uma fotografia, a qual ilustra a narrativa e coloca o leitor frente ao cenário da história.

A escola é uma instituição que perpassou por vários períodos históricos, sofrendo alterações de acordo com cada época. No entanto, algumas características permaneceram intocáveis e resistem até hoje. As primeiras escolas surgiram na Grécia Antiga e eram consideradas como ambientes onde se permitia desfrutar de um tempo livre para o estudo e a aprendizagem. Conforme Masschelein e Simons (2014, p.3), a escola “[...] oferece tempo livre e transforma o conhecimento e as habilidades em bens comuns, e, portanto, tem o potencial de dar a todos, [...] o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para se superar e renovar (e, portanto, mudar de forma imprevisível) o mundo”. Esse deve ser o papel da escola e da educação na contemporaneidade.

No entanto, a escola possui várias funções na visão da sociedade. Primeiro, como um lugar onde as crianças e jovens são “[...] abastecidos com tudo o que eles devem aprender para encontrar o seu lugar no mundo” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p.12). Em segundo lugar, como uma extensão da família, com o dever de fornecer um ambiente que possa suprir o seu papel. Em terceiro, como um local útil para a sociedade, com processos de seleção que priorizem meritocracias, para formar bons cidadãos e operários para o mercado de trabalho.

Por detrás do papel da escola sempre há um ideal predeterminado, que atenda aos objetivos propostos por um grupo dominante, seja ele governo, ONGs, instituição religiosa ou privada, integrando a função escolar a um futuro projetado por tais grupos. Assim, o funcionamento da escola deve ser voltado a esses objetivos e o professor deve ser aquele que repassa e produz esse ideal



aos alunos através de suas aulas. Conforme Masschelein e Simons (2014), tanto a escola quanto o professor incorporam esse ideal:

Como *instituição*, a escola deve incorporar esse ideal – e ele a controla – e os recém-chegados são iniciados no *uso adequado* de um determinado texto ou habilidade. O professor, como representante da velha geração que se “apropriou” de conhecimentos e significados, está em posição de transferir a matéria. A escola-como-instituição é caracterizada por um tempo solene e um local de transferência, e nela é tomado um cuidado especial para domar e monitorar os professores como “mestres de cerimônia” que presidem essa transferência. A instituição priva a geração mais jovem do tempo e do lugar para praticar e experimentar o tempo livre – nega-lhe o tempo escolar – e a geração jovem, é subseqüentemente, privada da oportunidade de realmente se tornar uma nova geração. Em vez disso, os jovens tornam-se (no máximo) atores da renovação imaginada por seus pais. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p.55-56, grifos dos autores).

247

Contudo, esse funcionamento moderno que a escola insiste em querer continuar colocando em prática não cabe mais na realidade da sociedade contemporânea. As crianças e os jovens não são repositórios de conhecimentos, na verdade nunca foram: a escola e os professores que os colocaram nessa condição. Além disso, a educação não pode estar centrada somente na figura do professor. Atualmente, o processo de ensino e aprendizagem deve ser criativo e considerar a singularidade do aprendiz. E para que essa transformação ocorra é preciso reinventar a escola.

Ensinar e aprender em contextos que ultrapassam os muros da escola

A escola não é o único ambiente onde é possível ensinar e aprender. O processo de ensino e aprendizagem pode ocorrer em qualquer lugar. A questão é que a sociedade moderna designou a escola como o espaço único onde as crianças e os jovens devem ser matriculados, para aprenderem os conhecimentos científicos, valores sociais e morais necessários para a sua formação como cidadão. Dessa forma, a visão da instituição escolar ficou engessada, com uma educação centralizadora, como aponta Kohan (2015, p.60), onde os alunos precisam moldar-se a esse perfil: “[...] quanto mais



centrados – estamos acostumados a pensar – maior a probabilidade de um conhecimento sólido, de raízes mais seguras”.

Corroborando com essa visão Ríos (2002), ao caracterizar a instituição escolar como uma máquina que racionaliza e codifica os discursos de quem atravessa esse espaço, tentando estabelecer um domínio sobre todos, elaborando um modelo homogeneizador do social. Assim, a multiplicidade é aprisionada e a sala de aula se torna um espaço público neutralizado, “[...] com suas fileiras, seus alinhamentos geométricos de objetos e corpos, a hierarquização de seus lugares, com espaços estratégicos [...] desenvolve a imobilidade física em proveito de uma maior agilidade intelectual” (RIOS, 2002, p.117).

Parte dessa ideia de escola centralizadora vem dos ideais liberais e neoliberais que o capitalismo difundiu ao longo dos anos, uma educação voltada para a utilidade, para as necessidades do mercado. E essa é a concepção que em grande parte ainda permeia a educação brasileira. Um dos maiores problemas que emerge é que a escola, enquanto tempo livre e prazeroso para a aprendizagem, passou a exercer grande pressão, pois os jovens precisam se preparar para serem aprovados em vestibulares ou ingressarem no mundo do trabalho. Nesse sentido, o espaço escolar não é mais visto como um ambiente de contemplação do saber, como faziam os gregos antigos. Na visão utilitarista, a escola deve ser útil para alguma coisa. Nesse sentido, praticamente desaparece o aprender por prazer em aprender, para contemplar a vida e a sabedoria.

Fazendo relação com a teoria de Heidegger (2007), pode-se dizer que a educação se apoderou da técnica, a qual moldou o modo de agir do ser humano e, por consequência, a escola foi se pautando na técnica e no tecnicismo como referência para a sua estrutura pedagógica:

O modo de agir (ou ser, no caso) do homem ocidental tornou-se técnico. Trata-se de uma orientação de conduta que aplicamos a cada gesto e em relação a tudo. É esse o único modo que entendemos ser possível no trato de nossa existência e do que quer que nela se apresenta. Como olhamos para o mundo e para o existir desde essa ótica técnica, tudo o que faz parte do mundo fica subordinado a ela (CRITELLI, 2002, p.85).



A escola seguiu esse pensamento, tornando-se modelo de uma técnica que produz um modo de pensar e de agir nos estudantes. A educação moderna levou esse conceito de técnica para dentro da sala de aula através de livros didáticos, metodologias rígidas (tradicionais) e procedimentos metódicos, deixando de lado a parte humanística, a possibilidade de se fazer diferente, de ver o processo de ensino e aprendizagem sob outros ângulos e interpretações.

Para uma escola pautada nessa ideia de técnica, o aluno é um repositório de conteúdos. E até hoje, muito na sociedade se cobra uma escola que seja nesse modelo, onde o ensino deve ser útil para alguma coisa, mesmo que não se saiba para quê. O ensinar e aprender por contemplação não cabe nesse modelo. O ensino deve ter caráter cientificista e aplicabilidade.

Comparando essa concepção de educação e já moldados pela técnica, muitos professores acabam por reduzir sua prática apenas à sala de aula, buscando padronizar a aprendizagem dos alunos no mesmo nível. Segundo Paraíso (2004), muitos segmentos da sociedade tentam engessar a figura do professor, criando estereótipos para sua prática e para a sua própria pessoa, definindo como devem agir, como devem pensar, limitando suas atividades em sala de aula e até mesmo, fazendo-o criar um perfil de profissional de educação que muitas vezes nem sequer tem a ver com a sua própria personalidade. Ressalta a autora:

Não são poucas as tentativas de enfraquecer as professoras. Elas são alvo de uma infinidade de discursos educacionais, governamentais e midiáticos. Prescrições intermináveis lhes são endereçadas por meio das políticas de formação docente, de currículos escritos, de Projetos Políticos Pedagógicos, de programas televisivos, de pesquisas educacionais, de livros didáticos, de livros de atividades (feitos com respostas para o professor)... Esses materiais trazem inúmeras caracterizações das professoras invocando, em alguns momentos, *o que se diz* sobre elas, em outros, *o que as próprias professoras dizem sobre si mesmas* e, às vezes, os dois misturados. Tudo serve de justificativa para dizer o que exatamente a professora deve fazer, como deve ser e proceder (PARAÍSO, 2004, p.3, grifos da autora).

Mas como transformar essa realidade? Como não se deixar padronizar pelo sistema educacional que a todo momento quer nos controlar e dizer o que fazer? Em primeiro lugar é necessário que o docente se movimente e não se



deixe levar por essa máquina centralizadora que é a escola moderna. O professor deve criar novas possibilidades para a sua prática, potencializando a sua ação enquanto mediador no processo de ensino e aprendizagem. Em segundo lugar, ele precisa saber que pode ensinar em diferentes contextos e que seus alunos podem aprender em qualquer lugar, podendo assim se desafiar a romper os limites dos muros da escola. Nas palavras de Paraíso (2004, p.2), o professor deve “Ver a docência como um lugar em que encontros são possibilitados, afectos potencializados, conexões são feitas... Ver a docência como território de desterritorialização e reterritorializações, como espaço de criação”.

Em cena: rompendo os limites dos muros da escola

É possível ensinar e aprender em diferentes contextos? Claro que sim! Sabe-se que o ambiente escolar é o espaço formal de educação, que todas as crianças e jovens têm o direito de frequentar e que o Estado tem o dever de assegurar tal direito. Porém, não é apenas dentro dos limites dos muros da escola que o processo de ensino e aprendizagem ocorre. A narrativa de uma atividade realizada em uma prática docente, exemplifica como podemos transpor o espaço físico da escola e dar continuidade a esse processo.

Há mais de dez anos, a Escola Estadual de Ensino Médio Cônego Albino Juchem, localizada em Venâncio Aires/RS, promove uma caminhada pelo interior do município, mais precisamente para a região de Monte Belo, onde é possível visualizar toda a cidade do alto do monte. Essa atividade é organizada pelos professores de Educação Física e professores de outras áreas, com os alunos das turmas de terceiros anos do Ensino Médio, dos turnos da manhã e da tarde.

Essa atividade é uma oportunidade para fazer algo diferente, que vai além do espaço físico da escola. Geralmente, a caminhada ocorre entre os meses de outubro e novembro, pois é nesse período que o tempo está propício para percorrer os 5 km de caminhada e avistar a cidade sob um sol escaldante!

A saída da escola é feita de ônibus, em direção ao distrito de Santa Emília, região em que se encontra o Monte Belo. Os alunos e professores são



conduzidos até o início da subida do monte, onde posteriormente se aventuram numa caminhada ao topo, contornam uma parte do distrito e concluem o percurso na propriedade do vice-diretor da escola, que está à espera de todos, para realizar um grande piquenique.

A diversão começa já na concentração para a saída do passeio. Os alunos vão chegando na escola com suas mochilas repletas de acessórios para a caminhada. É preciso recepcioná-los e lembrá-los de passarem o protetor solar e o repelente. O que mais tem nessa caminhada é sol e mosquitos (borrachudos). Depois de inspecionar se todos estão protegidos, de conferir se tudo está sob controle e que não esqueceram de alguma coisa, partem para o destino.

O percurso realizado na caminhada foi maravilhoso! Os alunos se dividiram em grupos, de acordo com suas afinidades e foram acompanhando os professores, desfrutando do contato com a natureza e de conversas animadas. O início da caminhada foi penoso, a subida é muito íngreme e cansativa. Foi preciso parar algumas vezes para repor as energias, o que proporcionou momentos para registrar a beleza da localidade em fotografias e a interação entre todos.

Durante a caminhada foi possível os professores conversarem com os alunos, conhecerem suas realidades e perspectivas para o futuro. Nesse momento de descontração, os jovens puderam relatar coisas que talvez dentro de uma sala de aula não seria viável, pelo fato de estarem num ambiente formal. Além disso, muitos se sentiram seguros ao falarem, pois estavam apenas nos grupos de colegas e amigos que confiam.

Essa atividade ao ar livre é uma das mais importantes do ano letivo. É o momento em que professores e alunos podem cruzar os limites dos muros da escola e fazerem algo diferente dentro do processo padrão de ensino e de aprendizagem que o ambiente escolar lhes impõe. É evidente que os professores não buscam explicar os conceitos de suas disciplinas durante a caminhada. É uma oportunidade para uma maior aproximação dos jovens que estão sempre sentados à sua frente na sala de aula, para escutá-los, dialogar com eles, trocar ideias e vivenciar sensações e experiências únicas.



Durante a caminhada, os alunos, além de entrar em contato com a natureza e apreciar as suas belezas, aprendem valores e princípios que são essenciais para a sua formação enquanto ser humano. Os conteúdos e conceitos que são trabalhados em sala de aula são importantes, mas a realização de uma atividade de integração como essa, possibilita vivenciar a essência do ser: a sua humanidade em sentido mais profundo. O percurso é repleto de pontos que são ótimos cenários para uma fotografia. Claro que fizeram vários registros, como este!

Fotografia 1: Ensinando e aprendendo ao ar livre!



Fonte: Professores (2017)

O cenário do registro foi escolhido justamente pela beleza da árvore da espécie canafístula, muito comum na região, com suas flores amarelas, que logo se destacam no meio das outras plantas. Assim que os alunos a avistaram, correram para fazer várias fotografias, em diferentes ângulos e poses. Permaneceram um bom tempo apreciando a beleza do local, conversando, dando risadas, desfrutando do sol e do ar livre.

Na imagem, pode-se perceber que os alunos estão sorrindo, curtindo o momento de descontração e aproveitando a atividade. Por mais que a caminhada fosse cansativa, cheia de subidas e descidas, aproveitaram ao



máximo. Um dos alunos estava carregando uma caixa de som com músicas para todos os gostos; volta e meia paravam para dar uma dançadinha!

Além de caminhar, todos também aproveitaram para observar as construções das moradias do distrito, as plantações de tabaco, que é a principal fonte de renda do município, bem como apanhar algumas frutas para comerem no caminho e encher as garrafas com água de fontes que ficavam perto do caminho. Alguns alunos eram moradores de outras localidades que ficam no interior de Venâncio, e durante a caminhada explicaram como é o processo de plantio e colheita do tabaco, assim como a diferença entre os diversos tipos. Não foram somente os alunos que aprenderam nesse dia: os professores também aprenderam muito com eles, desde o conhecimento técnico da fumicultura (cultivo do tabaco), expressões em alemão usadas por eles em casa, até a cantar funk.

É fato que todos chegaram no final da caminhada cansados, mas não menos felizes. As ações e reações dos jovens fizeram com que a proposta de atividade superasse as expectativas e os objetivos estabelecidos pelos organizadores. A atividade propiciou que os docentes conhecessem um pouco mais a realidade da vida dos seus alunos, bem como proporcionou movimentos de construção de relações afetivas entre os jovens e professores, estreitando laços que já tinham se formado dentro dos muros da escola. Por fim, com a realização dessa atividade, pode-se afirmar que os alunos voltaram ao conceito de escola defendido pelos gregos antigos: espaço onde se desfruta de tempo livre para o estudo e a aprendizagem.

A aprendizagem está além dos limites físicos da escola

A caminhada e a subida ao Monte Belo com os alunos dos terceiros anos do Ensino Médio reflete muito bem esse movimento de romper os muros da escola e levar o ensino e a aprendizagem para diferentes contextos. Muitos encontros foram possibilitados, afectos potencializados entre alunos-alunos, entre professores-alunos e entre professores-professores, assim como várias conexões foram estabelecidas. Essa atividade mostrou que a educação deve



estar aberta a várias experiências e permitir que docentes e estudantes tenham acesso a elas.

Os professores envolvidos na prática se enquadram no que Paraíso (2004, p.4) chama de professores da diferença, pois “seu fazer pedagógico é uma emoção que dura”, são persistentes, insistentes, sonhadores e emotivos. O professor da diferença é aquele que

[...] pode também, quando consegue criar oportunidade, fazer com vários um trabalho de equipe, fazendo assim o currículo-militante. Afinal, mesmo fazendo desterritorializações consideradas diferentes demais naquele território, consegue traçar movimentos que motivam e inspiram outros colegas (PARAÍSO, 2004, p.5).

É justamente isso que esses professores buscam fazer em sua prática na escola, partindo de uma postura de professor-militante, que leva o processo de ensino e aprendizagem para além dos limites físicos da instituição escolar na qual trabalham. A realização da atividade rompeu com as “certezas” do currículo estático, dominante na sala de aula, permitindo que um movimento fosse feito em direção ao novo, inesperado e desafiador.

Analisando a imagem da fotografia, o primeiro detalhe que chama a atenção é a beleza da árvore canafístula, pelo tamanho e pelo colorido das suas flores. Fazendo uma analogia das árvores com a educação e a escola, vem à luz os escritos de Deleuze e Guatarri (1995), os quais enfatizam que o maior problema é arborificação desses setores, quando seus rizomas se fecham e não permitem que novas conexões aconteçam.

Ao arborificar o processo de ensino e aprendizagem, tornando-o padronizado, este perde as significações. Entretanto, por mais que as árvores dão a ideia de algo estático, parado, enraizado, elas ainda se movimentam ao sopro do vento, sua copa se movimenta em direção ao sol e suas raízes se mexem em busca de nutrientes. Não é ruim que a escola seja vista como uma árvore forte, que se enraíza na vida dos alunos. Porém, assim como as árvores sofrem transformações ao longo das estações e se modificam com o tempo, o ambiente escolar também precisa se transformar ao passar das estações, se reinventar, acompanhar as mudanças que a sociedade e o mundo enfrentam.



Enquanto instituição, a escola nunca deixará de existir. Sempre será uma árvore de raízes fortes na sociedade. Contudo, ela precisa estar disposta a acompanhar o sopro do vento e as modificações que as estações e o tempo impõem. Ademais, precisa estar atenta às transformações climáticas para sobreviver às intempéries que o próprio homem provoca. Assim como a árvore canafístula é um ponto de referência que se destaca na cena, a escola e os seus professores da mesma forma são uma referência para muitos alunos.

Observando e refletindo sobre o cenário da imagem, vemos os alunos como as flores amarelas da árvore, que de longe parecem ser todas iguais, porém, se olharmos de perto não são, cada uma possui um tamanho, peso e coloração única. Possuem o mesmo perfil, no entanto não são idênticas. Os alunos em sala de aula são assim, dispostos em fileiras, um atrás do outro, parece que são iguais, mas são diferentes e únicos, cada um com sua bagagem de vivências e expectativas. E o professor o que faz? Se ele quer criar rizomas, vai perceber isso e trabalhar com a heterogeneidade, valorizar essas diferenças e potencializá-las para a aprendizagem dos estudantes.

A cena da fotografia elucida uma relação de professores e alunos que vai além da sala de aula, que transpõe o memorizar de conteúdos, que ensina e aprende em conjunto, que cria afectos, que vivencia diferentes experiências, que se contagia e contagia aos outros. Ensina coisas para vida e mostra algumas de suas belezas. Explicita que é possível aprender e ensinar em diferentes contextos, ensina os alunos a serem humanos, a viverem a vida e não ter medo de se jogar ao desafio de enfrentar as dificuldades.

Nessa perspectiva, a atividade da caminhada ao Monte Belo não foi apenas uma simples saída dos muros da escola. Ao contrário, buscou fugir da vida técnica que a modernidade impôs à sociedade e resgatar a essência da humanidade presente em cada homem e mulher: essência enquanto ser composto não só de racionalidade, mas, sobretudo, de sentimentos e emoções.



Considerações finais

A cena que a imagem apresenta retrata como deve ser a educação: um processo que prioriza o ensino e a aprendizagem de forma prazerosa, significativa, que possa ser realizado em diferentes contextos, envolvendo múltiplas experiências e movimentos. Dessa forma, a tarefa dos professores é reinventar a escola e não se deixar padronizar por currículos dominantes, ter sempre um espírito de professor-militante.

Como destaca Kohan (2015, p.137): “A tarefa de cada professor, de todos os professores, de todos o que ocupam a educação, é fazer escola dentro (e fora) das escolas”. É necessário movimento para experimentar uma nova educação e um novo currículo, que inicia com cada pessoa que está inserida na escola. O ensino não pode paralisar, ao contrário, precisa estar sempre rompendo barreiras, criando e estabelecendo rizomas.

Quem se aventura no campo da educação deve pensar a docência como algo criador, que mexe com os alunos, que os lança em direção ao conhecimento. Mais do que isso, deve conceber o processo de ensinar e aprender como algo que vai além dos muros da escola, pois o ambiente escolar não é constituído somente por estruturas físicas, mas, principalmente, por pessoas, vivências, memórias e histórias.

Nesse sentido, a escola precisa ter uma visão que supere a mera perspectiva tecnicista, isto é, seus objetivos e ideais devem resgatar os princípios e valores do ser humano. Em outras palavras, deve estar voltada para a humanização da sociedade e, assim, contribuir com transformações tanto em micro, bem como nas macroestruturas, provocando as mudanças que todos dela esperam.

Referências

- CRITELLI, Dulce. Martin Heidegger e a essência da técnica. **Margem**. São Paulo, n.16, p.83-89, dez. 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1995. v.1.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientia e Studia**. São Paulo, v.5, n.3, p.75-98, 2007.



KOHAN, Walter O. **O mestre inventor. Relatos de um viajante educador.** Tradução de Hélia Freitas. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MASSCHELEIN, Jean; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola:** uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PARAÍSO, Marlucy A. A docência como território de encontros, experimentações e fugas. In: Seminário Internacional Brasil-França, II Deleuze e a Educação: O Devir-Mestre, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004, p.1-13. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/260/1005/A_Docencia_como_Territorio_d_e_Encontros.pdf. >. Acesso em: 09 de ago. 2019.

RIOS, Guilherme. A captura da diferença nos espaços escolares: um olhar deleuziano. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v.27, n.2, p.111-122, jul./dez. 2002.

Camila Ribeiro Menotti

camila.menotti@universo.univates.br

Doutoranda em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, mestre em filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria/ UFSM, especialista em ensino de sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, graduação em filosofia licenciatura plena pela UFSM. Professora de filosofia e sociologia (nível médio) da rede pública estadual do Rio Grande do Sul/RS.

Rogério José Schuck

rogerios@univates.br

Doutor em Filosofia PUC/RS. Professor Titular na Universidade do Vale do Taquari – Univates.

Morgana Domênica Hattge

mdhattge@univates.br

Doutora em Educação (Unisinos). Professora na Universidade do Vale do Taquari – Univate

Suzana Feldens Schwertner

suzifs@univates.br

Psicóloga. Doutora em Educação (UFRGS). Professora na Universidade do Vale do Taquari – Univates.

